



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8676670>

Artigo Original

Práticas de apropriação da capoeira e as redes de sentidos compartilhadas pelos italianos

Capoeira appropriation practices and the networks of meanings shared by Italians

Prácticas de apropiación de la capoeira y redes de significados compartidos por los italianos

Fabio Luiz Loureiro¹ 

Alexandre Freitas Marchiori² 

André da Silva Mello¹ 

RESUMO

Objetivo: Analisa as práticas de apropriação da capoeira operadas por capoeiristas do Grupo de Capoeira Beribazu *de Vicenza/Itália*. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, realizada com capoeiristas italianos. Os dados foram produzidos por meio de grupo focal, com oito praticantes, e da observação participante em locais onde o grupo desenvolve os seus trabalhos e atividades cotidianas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. **Resultados e discussão:** Para os italianos, o significado de grupo corresponde a um espaço em que seus praticantes compartilham amor, afeto, respeito e vida em família, no sentido amplo das palavras. Eles cooperam para o sucesso do coletivo, empenham-se no desenvolvimento da cultura a qual foram apresentados e já não se consideram mais estrangeiros em relação a essa manifestação popular, mas capoeiristas. **Considerações Finais:** Há um processo ativo de apropriação cultural, em que a estética da recepção denota formas singulares de conceber e de se relacionar com a capoeira, trazendo novos elementos para ampliar a compreensão dos processos de internacionalização dessa manifestação afro-diaspórica.

Palavras-chave: Capoeira. Internacionalização. Transculturação. Itália.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (Naif), Vitória-ES, Brasil.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (Naif). Boa Vista-RR, Brasil.

Correspondência:

Fábio Luiz Loureiro. Ufes/Cefd/Naif. Av. Fernando Ferrari, 514, Centro de Educação Física e Desportos, Campus Universitário Goiabeiras – Vitória – ES, CEP 29075-810. Email: mestrefabioluiz@gmail.com



ABSTRACT

Objective: Analyzes the capoeira appropriation practices carried out by capoeiristas from the Beribazu Capoeira Group in Vicenza/Italy. **Methodology:** This is qualitative research, of a descriptive-interpretative nature, carried out with Italian capoeiristas. The data were produced through a focus group, with eight practitioners, and participant observation in places where the group carries out its work and daily activities. The data was subjected to content analysis. **Results and discussion:** For Italians, the meaning of group corresponds to a space in which its practitioners share love, affection, respect and family life, in the broadest sense of the words. They cooperate for the success of the collective, they commit themselves to the development of the culture to which they were introduced and they no longer consider themselves foreigners in relation to this popular manifestation, but capoeiristas. **Final Considerations:** There is an active process of cultural appropriation, in which the aesthetics of reception denote unique ways of conceiving and relating to capoeira, bringing new elements to broaden the understanding of the internationalization processes of this Afro-diasporic manifestation.

Keywords: Capoeira. Internationalization. Cultural diffusion. Italy.

RESUMEN

Objetivo: Analiza las prácticas de apropiación de la capoeira llevadas a cabo por capoeiristas del Grupo Beribazu Capoeira en Vicenza/Italia. **Metodología:** Se trata de una investigación cualitativa, de carácter descriptivo-interpretativo, realizada con capoeiristas italianos. Los datos fueron producidos a través de un grupo focal, con ocho practicantes, y observación participante en los lugares donde el grupo realiza su trabajo y actividades cotidianas. Los datos fueron sometidos a análisis de contenido. **Resultados y discusión:** Para los italianos, el significado de grupo corresponde a un espacio en el que sus practicantes comparten el amor, el afecto, el respeto y la vida familiar, en el sentido más amplio de la palabra. Cooperan para el éxito del colectivo, se comprometen con el desarrollo de la cultura en la que fueron introducidos y ya no se consideran extranjeros en relación con esta manifestación popular, sino capoeiristas. **Consideraciones finales:** Existe un proceso activo de apropiación cultural, en el que las estéticas de la recepción denotan formas únicas de concebir y relacionarse con la capoeira, aportando nuevos elementos para ampliar la comprensión de los procesos de internacionalización de esta manifestación afrodiaspórica.

Palabras Clave: Capoeira. Internacionalización. Transculturación. Italia.

INTRODUÇÃO

A internacionalização da capoeira é um fenômeno complexo e que envolve diferentes nuances. A difusão dessa arte-luta do Brasil para o mundo retrata um movimento realizado por vários atores sociais: mestres e mestras, professores e professoras de capoeira, grupos artísticos e os próprios grupos de capoeira. Esse fenômeno tem sido foco de várias pesquisas (Aceti, 2010; Brito, 2010; Fernandes, 2014; Granada, 2015; Guizardi, 2013).

De acordo com Nascimento (2021, p. 11), “[...] na maioria destes trabalhos, dá-se destaque às migrações dos brasileiros capoeiristas para a Europa” e os estudos sobre o processo de internacionalização dessa expressão cultural têm dado pouca ênfase aos *não brasileiros praticantes*, secundarizando as suas falas. Diante de uma lacuna em relação aos praticantes estrangeiros, alguns estudos buscaram compreender o papel dos não brasileiros praticantes na internacionalização da capoeira. Os trabalhos de Loureiro, Martins e Mello (2021) e de Loureiro et al. (2022) focalizaram os usos e as apropriações da capoeira, respectivamente, nos contextos argentino e polônês, destacando-se as suas idiossincrasias.

Ao considerarmos que os sujeitos não assimilam passivamente os bens culturais que lhes são ofertados, pois sempre há uma estética da recepção, sustentamos que, ao se relacionarem com a capoeira e dela se apropriarem, os praticantes estrangeiros atribuem novos sentidos à sua prática, considerando as suas experiências de vida e os condicionantes socioculturais locais, exercendo, dessa forma, um consumo produtivo dessa manifestação da cultura popular brasileira (Certeau, 2014). Assim, ao mesmo tempo em que se apropriam dessa arte-luta, esses praticantes também são influenciados pelos aspectos históricos e socioculturais acumulados pela capoeira, contribuindo, por meio do processo de circularidade cultural, para que eles repensem e ressignifiquem a sua própria cultura (Guinzburg, 1989).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é analisar as práticas de apropriação da capoeira operada por praticantes italianos do *Grupo Beribazu*³ de Vicenza/Itália. Temos o intuito de compreender a multiplicação e a complexificação das práticas no cotidiano desses sujeitos ordinários (Ferraço et al., 2016). A Itália, berço do Renascimento, com traços culturais marcantes da história ocidental, é o contexto da pesquisa, na qual dialogaremos com os praticantes italianos do *Grupo Beribazu* de Vicenza (GBV), cidade italiana localizada na região do *Veneto*, onde o grupo desenvolve as suas atividades

³ Grupo de Capoeira fundado em 11 de agosto de 1972 por Antônio Batista Pinto, Mestre Zulu, no Colégio Agrícola de Brasília, na cidade satélite de Planaltina/DF (Falcão; Vieira, 1997). A palavra Grupo, no contexto da capoeira, refere-se à sua organização institucionalizada, sendo essa configuração reconhecida no Brasil e no Mundo.

desde 2002. Mestre Coruja, em entrevista⁴, afirma que o início dos trabalhos com a capoeira na Itália ocorreu na década de 1980, com um grupo de brasileiros fixando residência no país. Falcão (2004) ratifica essa informação com mais precisão, afirmando que a capoeira se estabeleceu no país em 1985.

Ao lançarmos mão do *olhar da borda* (Certeau, 2014), interessa-nos problematizar as contribuições dos praticantes italianos para compreender a internacionalização da capoeira em seu país a partir do seu olhar e das suas narrativas, provenientes das práticas de apropriação dessa arte cultural. Trata-se, conforme Certeau (2014, p. 20), de um [...] “olhar de fora, que sai do centro, ajudando a observar o cotidiano pelas bordas [...]”, na busca por esquemas operacionais para explicar as práticas cotidianas. Assim, ao focalizarmos as práticas de apropriação da capoeira e as redes de sentidos compartilhadas pelos italianos, indagamos: quais são os sentidos que esses praticantes estrangeiros, em diálogo com as suas experiências pessoais e socioculturais, têm atribuído à capoeira?

Em nossa análise, mobilizamos os pressupostos sobre as práticas de apropriação, efetuadas pelos praticantes do cotidiano e as suas *artes de fazer* (Certeau, 2013, 2014), sobre a circularidade cultural (Ginzburg, 1989, 2006), e, na pedagogia social, sobre a amorosidade e a afetividade do ato educativo (Freire, 1979, 2007) e, nos estudos sobre a vida cotidiana, sobre a artesanaria e a cooperação (Sennett, 2018, 2020a, 2020b).

A METODOLOGIA TRILHADA NA ITÁLIA

Trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, que utilizou como instrumentos para a produção dos dados a observação participante, sistematizada em diário de campo, registros fotográficos, além de grupo focal com oito praticantes italianos do Grupo Beribazu de Vicenza. De acordo com Alves (2003, p. 3), nos estudos com os cotidianos, faz-se necessário “beber em todas as fontes”, para que a unilateralidade de um dado não se sobreponha à complexidade da realidade.

A observação participante foi realizada entre 12 e 20 de junho de 2018, período em que um dos autores deste estudo foi ministrar um curso de curta duração sobre a capoeira para os praticantes do Grupo Beribazu de Vicenza. Além do curso, a observação participante incidiu sobre as seguintes atividades

⁴ Mestre Coruja (Edgardo Santaniello), considerado o primeiro mestre de capoeira italiano, em entrevista realizada pelo site *Roda de Capoeira*. Disponível em: <http://www.rodacapoeira.com.br/artigo/Entrevista-com-Mestre-Coruja-Italia/0>. Acesso em: 07 nov. 2021.

realizadas nesse período: batismo, graduação⁵, formatura, apresentações e rodas em locais públicos.



Imagem 1 – Curso de capoeira ministrado para os praticantes italianos do Grupo Beribazu de Vicenza, Itália.

Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.⁶

Os dados provenientes da observação participante foram sistematizados por meio do diário de campo e sobretudo por imagens iconográficas paradas (fotografias). Segundo Penn (2008), há diferença entre linguagem e imagem, uma vez que a imagem sempre será polissêmica ou ambígua, exigindo um texto para inteirar a compreensão dos significados, ou seja, uma relação de ancoragem de ambos, completando o sentido. A análise das imagens perpassou o primeiro nível de significação (denotação) e o segundo nível (conotação/mito).

O grupo focal foi composto por oito participantes, com uma média de idade de 34 anos, sendo cinco do gênero masculino e três do gênero feminino. O participante com maior tempo de prática possui 15 anos e está na corda³ verde-amarela (6ª corda). Já o praticante mais graduado (7ª corda) possui um ano a menos de prática. Trata-se de um grupo heterogêneo, com trabalhadores de diferentes setores da sociedade em Vicenza. O Quadro 1 apresenta as características dos participantes do Grupo Focal:

⁵ Sistema de graduação do *Grupo de Capoeira Beribazu*. Disponível em: <https://www.capoeiraberibazu.com/sistemadegraduacao.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

⁶ Roberta Veronese é aluna do *Grupo de Capoeira Beribazu Itália* (GCB I) e foi colaboradora da pesquisa.

Quadro 1 – Participantes do Grupo Focal

PARTICIPANTES	TEMPO DE PRÁTICA DA CAPOEIRA	GÊNERO	IDADE
Capoeirista 1	15 anos	Feminino	41 anos
Capoeirista 2	3 anos	Masculino	29 anos
Capoeirista 3	8 anos	Feminino	35 anos
Capoeirista 4	2 anos e 6 meses	Masculino	41 anos
Capoeirista 5	8 anos	Masculino	28 anos
Capoeirista 6	14 anos	Masculino	41 anos
Capoeirista 7	6 anos	Feminino	24 anos
Capoeirista 8	3 anos e 6 meses	Masculino	35 anos

Seguindo as orientações de Gatti (2005) na condução de grupos focais, propusemos alguns temas relacionados ao objeto de estudo para que os participantes conversassem sem o direcionamento do pesquisador, pois essa dinâmica possui uma sinergia própria. Esse encontro durou 3h30min e foi realizada apenas uma sessão.

No processo de análise das narrativas, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 2011). Seguimos as três fases da AC: 1) pré-análise – a leitura *flutuante* dos dados; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Recorremos à repetição de frequência dos temas, considerando a interação entre todas as narrativas produzidas. Para manter a arquitetura cognitiva e afetiva das narrativas dos participantes, aplicamos a técnica de decifração estrutural, ou seja, consideramos as singularidades das falas de cada participante e seus contextos. Segundo Bardin (2011, p. 95), na AC, “[...] é preciso completá-la, e de preferência previamente, por outra técnica de decifração – e de arroteamento [...]”.

Considerando que o sistema CEP/CONEP (Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) não possui jurisdição sobre pesquisas realizadas fora do território brasileiro, este estudo não foi apreciado pelo CEP da instituição de origem. Contudo, a pesquisa seguiu todos os protocolos referentes aos princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais previstos e indicados nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, ambas do CONEP, e às Diretrizes Éticas Internacionais para a pesquisa envolvendo seres humanos (OMS, 1993), sendo recolhidas as assinaturas dos Termos de Consentimento e Livre Esclarecido e de autorização do uso de imagens dos participantes.

Assim, na presente investigação, ao observarmos e participarmos de vários momentos com os praticantes italianos do Grupo Beribazu, sistematizamos essa experiência apoiados nas narrativas dos praticantes oriundos do grupo focal. De igual modo, nas imagens dos eventos e no diário de

campo gerado a partir da observação participante, busca-se compreender e analisar, por meio dos dados produzidos, as unidades de registo *mestre, grupo, família, amizade, internacionalização e cultura* dessa arte-luta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de análise, as unidades de registro (palavras) elencadas foram: *mestre, grupo, família, amizade, internacionalização e cultura*. As unidades de contexto (frases) foram definidas pelo custo e a pertinência. Em seguida, efetuamos a categorização, que “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (Bardin, 2011, p. 147), adotando-se os princípios da exclusão mútua, da homogeneidade, da pertinência, da objetividade, da fidelidade e da produtividade.

Sendo assim, foram elencadas duas categorias: 1) *o mestre, o grupo de capoeira como família e suas relações de amizade*; 2) *a internacionalização da capoeira e suas relações culturais*. Esse processo de análise pode ser constatado no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Núcleos temáticos, registro de unidades temáticas e categorias

NÚCLEO TEMÁTICO	REGISTRO DE UNIDADE TEMÁTICA	CATEGORIA
Mestre	Da ligação entre o mestre e o aluno, é algo muito forte (CAPOEIRISTA 7).	O mestre, o grupo de capoeira como família e suas relações de amizade
Grupo	O verdadeiro significado da capoeira, que é o grupo (CAPOEIRISTA 4).	
Família	Prefiro associar a palavra capoeira à família, eu encontrei uma família no grupo de capoeira (CAPOEIRISTA 8).	
Amizade	Eu entendi a essência da capoeira por conceito de amizade (CAPOEIRISTA 4).	
Internacionalização	Pra mim não tem essa coisa da internacionalização da capoeira, não é tão forte, porque eu ainda vejo a capoeira aqui na Europa muito ligada com a capoeira brasileira, porque todos os mestres que estão aqui na Europa são brasileiros (CAPOEIRISTA 5).	A internacionalização da capoeira e suas relações culturais
Cultura	Eu sempre havia percebido que a capoeira não é só uma atividade física, é uma cultura (CAPOEIRISTA 8).	

A partir das unidades de registro encontradas nas análises, das relações

estabelecidas entre os estrangeiros e a *cultura* da capoeira, do seu vínculo e da sua referência com/sobre o *mestre*, da convivência em *grupo*, das correlações estabelecidas e da compreensão dos praticantes estrangeiros sobre o conceito de *internacionalização*, temos a possibilidade de compreender o processo de difusão da capoeira para outros países.

O MESTRE, O GRUPO DE CAPOEIRA COMO FAMÍLIA E SUAS RELAÇÕES DE AMIZADE

Na triangulação dos dados, a figura do mestre ganhou destaque, evidenciando-se o seu caráter aglutinador do grupo. Diferentemente da veneração à figura do mestre observada em um estudo da capoeira na Argentina (Loureiro; Martins; Mello, 2021), o contexto de Vicenza indica uma aproximação entre os componentes do grupo, como pode ser observado na fala do Capoeirista 7:

[...] Tinha uma percepção da ligação entre o mestre e o aluno, é algo muito forte, uma coisa que ela percebeu, que não é fácil, ela falou que não é fácil ter essa coisa, esse sentimento. Ela percebe coisas que ela nunca percebeu antes, é mesmo a ligação que o mestre tem com o aluno, é um sentimento forte. Quando ela estava no outro grupo, ela olhava para nós do *Beribazu* e ficava pensando “como é que esse mestre consegue ter uma ligação tão forte com o aluno dele?”

Constata-se que os alunos possuem uma relação afetiva com o mestre, de proximidade e de respeito mútuo. De acordo com Freire (2007, p. 141), é “[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa”. Vecchia (2019), a partir de Paulo Freire, nos diz que “assim como a amorosidade é a característica principal da vida, permeando o universo [...], a afetividade em nós está presente em todas as dimensões do nosso ser e da nossa ação [...]”.

No Brasil, a figura do mestre nos remete à sua valorização, ao conhecimento e à dedicação à capoeira, uma veneração e respeito à sua pessoa. Contudo, às vezes percebe-se, na convivência entre o mestre e o aluno, a presença da *obediência cega a padrões e regras* (Falcão; Vieira, 1997). Essa forma de vínculo pode distanciar o praticante da reflexão crítica e levá-lo a acomodar-se. Conforme o diário de campo, durante o convívio e as interações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, percebemos uma característica cultural dos praticantes italianos quando estão em conjunto: eles se comunicam com seus gestos, falas e realizam as escutas todos ao mesmo tempo. No grupo focal, quando convidados a falar sobre a essência da capoeira, os participantes destacaram que se tratava de compartilhamento, de amor e de respeito. A afetividade expressa nessas palavras ratifica a perspectiva de que “não há educação sem amor. [...] Não há educação imposta, como não há amor imposto.

Quem não ama não compreende o próximo. Não respeita” (Freire, 1979, p. 29).

A figura do mestre também é destacada, nesse grupo, pelo exemplo de vida que compartilha com seus alunos, conforme se entende das narrativas: “A formatura do Aranha foi um presente para todo o grupo, para todo mundo”. (Capoeirista 1); e “Ele muitas vezes falou – é o grupo que faz, não sou eu. É todo o grupo que está fazendo...” (Capoeirista 4). É possível inferir que o mestre educa pelo exemplo. Sennett (2020b, p. 318) afirma que “[...] a motivação é uma questão mais importante que o talento na consumação da habilidade artesanal”. O comportamento do artífice indica a cooperação como caminho para o sucesso coletivo, na valorização das relações humanas.

A capoeira vivenciada por esse coletivo está em consonância com as proposições acima, na valorização da experiência, do compartilhar e do aprender. Destaca-se também o processo do inacabamento do mestre e o exemplo que ele deixa para seus alunos de continuar os estudos e de se aprofundar no universo dessa prática cultural. Para Freire, (2007, p. 161), “é preciso [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras”.

As lições do mestre não terminam, seus ensinamentos são levados para além da roda de capoeira e alcançam a vida cotidiana dos praticantes. Tal afirmativa está ancorada na interação abaixo:

O que vocês trazem do mestre em vocês? (Moderador).

Estilo de jogo... (risos) (Todos).

Humildade, respeito da sua identidade de capoeirista... (Capoeirista 8).

Vontade de treinar... Método de treino sempre constante... (Capoeirista 4).

Seriedade, profissionalidade, treinamento... A positividade (Capoeirista 1, Capoeirista 3, Capoeirista 6) (Diário de Campo, 14/06/2018).

Destaca-se aqui uma pedagogia da autonomia presente nas relações entre o mestre e os seus alunos. Para Freire (2007, p. 107), a “[...] autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. Conforme o autor, o sentido de uma pedagogia da autonomia encontra eco em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, no tratamento respeitoso entre as pessoas e que expresse liberdade. Todo esse processo ocorre em diálogo com a existência e a manutenção do Grupo Beribazu na Itália. Para Sennett (2020a), estar juntos pode significar a atenção na receptividade aos outros, exercer a capacidade de escuta em uma conversa e a oportunidade de se exercitar a

hospitalidade no trabalho ou na comunidade, aqui materializado no GBV. Para esse autor, o que se destaca nessas relações é a cooperação, pois “ela requer a capacidade de entender e mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto, mas o processo é espinhoso, cheio de dificuldades e ambiguidades [...]” (Sennett, 2020a, p. 10).

Tal habilidade se aprende e é construída socialmente na convivência afetiva entre os sujeitos ordinários. O mestre também está presente nesse processo, como artífice no ofício de ensinar não só os elementos da capoeira, mas também sobre a filosofia do GBV e o ritual que envolve essa prática cultural. Esse movimento pode ser inferido das imagens 2 e 3 a seguir:



Imagem 2 – Roda de capoeira do GBV.
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.



Imagem 3 – Ritual da capoeira em roda do GBV.
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.

Nas Imagens 2 e 3 acima, é possível denotar a formação circular da roda de capoeira, composta pelos instrumentos tocados pelos mestres e pelo ritual entre os praticantes para o início do jogo. Esses elementos, indissociáveis no contexto da roda, representam fundamentos dessa manifestação cultural. Infere-se a representação da formação circular como uma das composições mais antigas no plano coletivo: ela remete às possibilidades de vivências em relação à cooperação, ao respeito mútuo e às aprendizagens coletivas dos saberes da capoeira entre os mestres e os praticantes estrangeiros e entre os próprios alunos. Esse *pé de igualdade* na formação circular retrata o maior símbolo dessa arte-luta, em que se reúnem e se manifestam todos os seus fundamentos históricos e culturais na totalidade.

A saudação, símbolo que compõe o arcabouço gestual e ritualístico entre os pares antes do jogo, torna o diálogo de corpos respeitoso, dentro dos seus limites saudáveis, independentemente da graduação na capoeira e do desenvolvimento corporal. Assim, a saudação anuncia o jogo como uma cooperação de saberes, livre do grau de complexidade para aplicar ou desenvolver um fundamento técnico entre os praticantes estrangeiros. Há um clima de amorosidade (Fernandes, 2019) e de diálogo nesse encontro do mestre com os alunos na roda. Para Freire (2007), se não há diálogo e nem amor direcionado ao mundo e ao homem, não é possível haver a pronúncia do próprio mundo, pois não há amor que o funde.

Talvez, toda essa visão possa assumir uma conotação utópica ou romantizada, mas a entendemos como possibilidade interpretativa no contexto analisado. Kohan (2019, p. 128), ao resgatar três conceitos do amor na obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire, relembra que “o amor é, ou seja, trata-se de uma ação no presente. Logo, é uma condição da verdade, é diálogo, é um ato de compromisso com a libertação dos oprimidos”. Todavia, não se apresenta uma visão romantizada do ato educativo, mas se reconhecem as dificuldades e exigem-se condições de trabalho, de valorização e de investimento nas pessoas. Destaca-se também como característica desse grupo a representação de família, expressa nas falas dos participantes da pesquisa, conforme o exemplo a seguir: “Prefiro associar as palavras à capoeira. Família, eu encontrei uma família no grupo de capoeira. Capoeira é um conjunto de palavras, é também amor, respeito, eu vou somar com você, ajudar a compreender” (Capoeirista 8).

Nos usos e nas apropriações dos capoeiristas italianos nesse contexto, percebe-se essa identidade constituída. Em diálogo com Charlot (2000), o sujeito praticante é aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e ao agora, ele possui e é movido por desejos nessa relação com os outros. Trata-se de “um ser social, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto de família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais” (Charlot, 2000, p. 33). Nesse sentido, Lutgardes Freire (2019, p. 215) afirma que “[...] família está muito estreitamente relacionada com a cultura, não existe

família sem cultura, assim como não existe cultura sem família”.

Acreditamos ser essa a apropriação que os italianos fizeram da capoeira, um estar juntos, amando e cuidando uns dos outros, relacionando-se com a figura do mestre como a referência nuclear da família que construíram em Vicenza, na Itália. Todavia, essa configuração não significa ausência de conflitos ou de discordâncias nesse coletivo. Na observação participante, mesmo considerando a singularidade italiana, ocorreram algumas discussões acaloradas sobre a organização do GBV e a internacionalização da capoeira. De acordo com Sennett (2018, p. 292), a cooperação não é sinônimo de consenso, mas “[...] precisamos dos outros para fazer coisas que não podemos fazer sozinhos”.

Encontramos ainda o grupo como um círculo de amizade e de compromisso com o outro. No estudo referente ao contexto da capoeira na Argentina, Loureiro, Martins e Mello (2021) também identificaram essa apropriação. No contexto italiano, percebe-se uma liberdade dos sujeitos nas relações estabelecidas com o grupo. Trata-se de um desejo de estar juntos e cooperando para a manutenção desse espaço de amizade. Talvez seja possível compreender esse movimento a partir do exercício consciente da habilidade de cooperar. Segundo Sennett (2020a, p. 9), a cooperação não pode ficar presa a comportamentos rotineiros, mas “precisa desenvolver-se e ser aprofundada. O que se aplica particularmente quando lidamos com pessoas diferentes de nós; com elas, a cooperação torna-se um grande esforço”.

Destarte, essa categoria nos permitiu compreender alguns usos e apropriações da capoeira a partir do olhar e das vozes dos praticantes italianos no contexto cultural de Vicenza, Itália. A figura do mestre foi central nas análises e continua a suscitar a atenção no processo de internacionalização dessa prática cultural. As suas características de humildade, de respeito, de amorosidade, de afetividade, de compromisso, de habilidade de cooperação e de domínio da artesanaria da capoeira refletem nos seus alunos, na apropriação da cultura, que se torna familiar.

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA E SUAS RELAÇÕES CULTURAIS

A internacionalização da capoeira a partir do olhar dos praticantes italianos de Vicenza permite identificar o movimento de constituição de um novo cenário na divulgação e na difusão dessa cultura. A narrativa indica dois movimentos: um centrado no indivíduo, na transformação dos capoeiristas, e outro de cunho social e coletivo, expresso no seguinte excerto:

Internacionalização da capoeira é uma coisa muito importante, porque ela vai transformar um indivíduo que vai pensar

singularmente e ele vai pegar isso vivido com uma dimensão coletiva do grupo e mediante à valorização de uma coisa chamada capoeira, nesse caso (Capoeirista 6).

Compreendemos que a apropriação da capoeira, no contexto pesquisado, faz parte desse olhar sobre a recepção desse patrimônio imaterial fora do Brasil. No estudo sobre a internacionalização dessa prática cultural no contexto da Argentina, Loureiro, Martins e Mello (2021) constataram que os praticantes argentinos reconhecem a impressão de suas marcas identitárias no processo de apropriação, o que contribui para consolidar uma prática própria da capoeira. É justamente nesse contexto que identificamos a apropriação da capoeira pelos praticantes italianos. As Imagens 4 e 5 nos permitem inferir esse movimento de circularidade cultural:



Imagem 4 – Roda de Maculelê no Centro histórico de Vicenza/Itália.
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.



Imagem 5 – Praça dos Cavalheiros (*Piazza dei Signori*).
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.

O que se observa nas imagens acima, a nível de denotação (Penn, 2008), corresponde à manifestação artístico-cultural do Maculelê feita pelos integrantes do GBV. Em roda e ocupando um espaço privilegiado da cultura local, a Praça dos Cavaleiros (*Piazza dei Signori*)⁷, eles estão trajados com a roupa específica, portando bastões e posicionados voltados para dentro da roda, com destaque para dois participantes ao centro, conduzidos pelos mestres ao som típico dos atabaques e cânticos, símbolos de brasilidade.

A nível de conotação (Penn, 2008), também se constata um grupo heterogêneo composto por homens e por mulheres de diferentes idades, apresentando a cultura brasileira para uma comunidade italiana em Vicenza. Pode-se considerar uma apresentação cultural a céu aberto, um teatro para alguns passantes. Esse movimento reforça a perspectiva de divulgação dessa cultura e a sua valorização tanto pelos seus praticantes quanto pela comunidade local. Há presença de crianças como espectadores, o que permite inferir uma possibilidade de continuidade desse processo de apropriação da cultura pelos nativos. As análises indicam a presença dessa *circularidade cultural* (Ginzburg, 2006).

Ocupar esse espaço expressa a valorização das pessoas, a constituição de uma rede nas trajetórias dos praticantes com o mundo e as relações que eles constituem. A capoeira, símbolo cultural do movimento negro, está inserida em um espaço considerado patrimônio cultural da humanidade. No tocante à internacionalização, destacamos a fala de um dos capoeiristas italianos e como ele observa esse processo:

A internacionalização ainda é jovem! Está começando a acontecer [...]. A internacionalização da capoeira, para mim, aqui na Itália e na Europa, também para minha experiência, que eu vivi, ainda é muito jovem, ela ainda está acontecendo, porque, por exemplo, a maioria dos mestres que estão ensinando capoeira aqui na Europa ainda são brasileiros muito ligados com o Brasil, com os grupos do Brasil. Então eu não vejo muita diferença da capoeira da Europa e da brasileira, a capoeira é muito brasileira ainda (Capoeirista 5).

Como se constata, os italianos sinalizam que a presença da capoeira no cenário estudado não significa que houve a sua internacionalização, mas indicam que há um processo de transformação em curso. Os praticantes italianos fazem uso dessa cultura e, nesse caminho, também deixam suas marcas identitárias. Há um processo de bricolagem, em que os sujeitos ordinários fazem apropriação, juntam coisas distintas e transformam em algo novo, próprio (Certeau, 2014). É preciso, ainda, voltar os olhos para a problemática da cultura, pois não se trata de uma prática do folclore, mas de uma cultura inserida no âmbito da superestrutura.

Para Ginzburg (2006), os aspectos da cultura necessitam ser vistos juntos a

⁷ Patrimônio da UNESCO, a *Piazza dei Signori* é um ponto turístico da cidade de Vicenza que reúne cafés, restaurantes, lojas, igrejas e amplo espaço aberto para apresentações artísticas culturais (arquivo dos autores).

um sentido antropológico, vinculado ao afeto, ao pensamento, ou seja, aos sinais que organizam a vida das pessoas. Tal perspectiva encontra eco nas narrativas dos participantes da pesquisa, conforme se observa a seguir:

Eu sempre havia percebido que a capoeira não é só uma atividade física, é uma cultura. É... não é só um jogo de capoeira, mas música, canto, Maculêlê e atividade que vai compor a capoeira. A capoeira, creio que é uma atividade... uma cultura complexa, diferente da atividade marcial ou uma atividade de esporte, é uma... A capoeira pra mim é um modo de vida, um modo de vida, uma coisa que gosto muito da capoeira a respeito de outras artes marciais (Capoeirista 8).

Há um esforço em compreender as agências, os sentidos dessas ações e a perspectiva desses sujeitos. Nessa esteira, Certeau e Giard (2013, p. 338) afirmam que "a cultura se julga pelas operações e não pela posse dos produtos". Revelam ainda que a cultura não se restringe ao domínio da informação, mas ao tratamento a partir de uma série de operações em função de objetivos e de relações sociais. Os aspectos apresentados pelos autores permitem compreender que a capoeira como cultura assume sua dimensão estética, polêmica e ética. É uma prática de valor identitário, reveladora de um saber próprio, de resistência a uma cultura hegemônica, de empoderamento e de luta pela vida, pela necessidade de existir.

Oowski (2019, p. 119) nos diz que a "cultura para Paulo Freire é atividade humana de trabalho que transforma", sendo produzida por distintos movimentos e grupos culturais que constituem a sociedade. Implica ainda aprender a expressar uma permanente atitude crítica ao se apropriar e utilizar essa cultura. As Imagens 6 e 7 a seguir permitem analisar os movimentos de apropriação e os usos da cultura:



Imagem 6 – Evento *Berimbau Me Chama* (Berimbalada), do Grupo Beribazu Itália, no Centro histórico de Vicenza/Itália.

Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.



Imagem 7 – Parte final do evento, na Praça dos Cavalheiros (*Piazza dei Signori*).
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.

As Imagens 6 e 7 correspondem a dois momentos respectivamente: os capoeiristas ocupando as ruas, em deslocamento até o local do evento, com sua cantoria e convidando as pessoas para participar; e a apresentação cultural com os instrumentos da capoeira, com o grupo se reunindo e acompanhando a cantoria, demonstrando alegria e festejando o encontro. É possível inferir também o pertencimento desse grupo e a valorização de cada momento oportunizado no coletivo, a cultura em uso e a apropriação dos praticantes nesse espaço customizado com elementos da referida arte-luta. De acordo com Sennett (2020b, p. 20), “o artífice explora essas dimensões da habilidade, empenho e avaliação de um jeito específico. Focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça”, sustentando um diálogo entre práticas concretas e ideias.

Para esse autor, o mundo moderno tem duas receitas para suscitar o desejo de trabalhar bem e com afinco: o imperativo moral, focado no bem da comunidade, e a competição, mola propulsora do desejo do bom desempenho a partir de promessas de recompensas individuais no lugar da coesão comunitária. As duas receitas estão na contramão do que se almeja em relação à qualidade do artífice. A resposta está na cooperação, um eficiente mecanismo motivacional para as pessoas trabalharem bem e engajadas nos resultados desejados. Sendo assim, a arte de fazer exige desenvolver a habilidade da cooperação.

Retomando a questão cultural da capoeira, constata-se que seus usos e apropriações não se restringiram a ela, pois a capoeira é cultura, mas também é algo a mais. Essa afirmativa está ancorada nas narrativas dos sujeitos ordinários em suas maneiras de realizar essa prática. Nesse sentido, podemos observar, nas Imagens 8 e 9 abaixo, que essa dimensão subjetiva atravessa o cotidiano, ocupa os espaços públicos e não fica retida em locais fechados:



Imagem 8 – Aula de capoeira no Centro histórico de Vicenza/Itália.
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.



Imagem 9 – Roda de capoeira no Centro histórico de Vicenza/Itália.
Fonte: Arquivo pessoal de Roberta Veronese.

As figuras retratam a organização da aula na praça, de forma a possibilitar os movimentos da capoeira. Na Imagem 8, a disposição dos capoeiristas diante do centro cultural, fazendo o mesmo movimento do mestre, indica a sintonia e a valorização dessa oportunidade de celebrar a vida e a cultura. Na Imagem 9, há o momento da roda de capoeira, em que os capoeiristas ao centro estão executando os movimentos de rabo-de-arraia e queda-de-rins. Todos os componentes da roda acompanham batendo palmas.

Já não podemos falar da capoeira como algo apenas do Brasil, porquanto não é possível aprisionar a cultura, pois, como nos ensina Certeau (2014), ela só

faz sentido nos seus usos. O que se observa são italianos jogando capoeira, aprendendo o ofício de mestre, apropriando-se dessa prática cultural. Quando perguntados sobre essa aproximação com o contexto brasileiro, indicam uma relação de reconhecimento e de respeito às origens dessa manifestação corporal, mas também de ruptura. Os praticantes dançam na corda e fazem parte do equilíbrio. Já não são estrangeiros no mundo da capoeira. Segundo Certeau (2014, p. 136, grifos nossos), “[...] *os que dançam na corda dependem de uma arte. Dançar sobre a corda é de momento em momento manter um equilíbrio, recriando-o a cada passo graças a novas intervenções*”.

Destarte, essa categoria possibilitou compreender o processo de internacionalização por meio do olhar do praticante nativo e de suas impressões identitárias acerca dos usos que fazem da cultura brasileira. Esse entendimento encontra/afirma a circularidade cultural. Não é só a circularidade, mas o modo como a cultura dominante vai incorporando elementos da cultura popular, revelado mediante às pistas dos indícios e dos sinais presentes no código indiciário (Ginzburg, 1989). Deixamos aqui algumas pistas para compreendermos esse movimento de internacionalização da capoeira a partir da valorização das vozes dos seus praticantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a proposição de efetuar um estudo da capoeira a partir do olhar dos praticantes italianos se justifica devido ao fato de as pesquisas realizadas sobre o seu processo de internacionalização contemplarem como sujeitos majoritariamente os brasileiros mestres e professores de capoeira que levaram essa manifestação cultural para outros países. A incipiência de estudos concentrados nos praticantes estrangeiros soma-se ao fato de que pouco se tem discutido sobre os usos e as apropriações que eles fazem dessa arte-luta, não somente sobre o que aprenderam, mas principalmente sobre o que fazem com o que aprenderam – ou seja, os usos e as apropriações na perspectiva do receptor estrangeiro. Os usos e as apropriações dos praticantes nesse contexto revelam que os aspectos culturais foram incorporados nos modos de vida desses cidadãos e fazem parte do patrimônio artístico e cultural daquele povo.

O ofício do mestre é revelador de um artífice habilidoso, que consegue trabalhar em cooperação com diferentes sujeitos e que busca o bem comum e a autonomia dos seus alunos. Na visão dos participantes desse grupo de Vicenza, ele é um amigo, um pai e um conselheiro para a vida. Dessa forma, a figura do mestre está para além do prescrito nos manuais de capoeira e representa, para esses capoeiristas, o acesso ao capital simbólico da cultura brasileira, uma possibilidade de compreender a filosofia que sustenta essa prática cultural há séculos.

Quanto ao entendimento sobre a internacionalização dessa arte-luta, os italianos nos deram pistas acerca desse movimento de autonomia desejado. À medida em que os nativos se apropriam dos códigos culturais da capoeira e passam a dominar a artesanaria dessa prática corporal, eles são autorizados institucionalmente com a graduação de contramestre/contramestra e, possivelmente, de mestre/mestra. A partir de então, teremos outro cenário no contexto pesquisado. Já não serão apenas brasileiros levando a capoeira para outros países, mas outras pessoas de diferentes nacionalidades realizando essa ação.

As limitações deste estudo se referem ao tempo de imersão no campo, tendo em vista a impossibilidade de permanência prolongada na cidade de Vicenza; a dificuldade com a língua no processo de interlocução entre pesquisador e participantes, pois, mesmo com a ajuda de intérprete e a maioria dos participantes possuírem certa fluência no português, há sempre uma interferência na comunicação. Portanto, reforçamos a importância e a necessidade de reconhecer os praticantes estrangeiros como um dos protagonistas da internacionalização da capoeira. As falas dos praticantes estrangeiros podem contribuir para esclarecer e entender um pouco mais sobre a difusão dessa manifestação cultural, que já faz parte de todo o mundo. Por isso, ressalta-se a pertinência de aprofundar estudos das práticas de apropriação a partir do olhar dos praticantes estrangeiros, como também as práticas de apropriação dos próprios brasileiros.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Fabio Luiz Loureiro - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável

por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Alexandre Freitas Marchiori - Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

André da Silva Mello - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ACETI, Mônica. Etnografia multi-localizada da capoeira: difusão da capoeira esporte e ritual de energia. *Jornal Online de Ciências Humanas e Sociais*, Neuchâtel, v. 20, p. 1-9, set. 2010.
- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2003.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRITO, Celso de. *A roda do mundo: os fundamentos da capoeira angola globalizada*. 2010. 190f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Uma ciência prática do singular. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 332-342.
- FALCÃO, José Luiz C. *A práxis capoeirana: o jogo da capoeira em jogo*. 2004. 393f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- FALCÃO, José Luiz C.; VIEIRA, Luiz Renato. *Capoeira: História e Fundamentos do Grupo Beribazu*. Brasília: Starprint, 1997.
- FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 30-40.
- FERNANDES, Fabio A. *Capoeiragem in between: um estudo etnográfico sobre a prática da capoeira na Alemanha*. 2014. 227f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

FERRAÇO, Carlos E.; SOARES, Maria da Conceição; ALVES, Nilda. Bases práticas teóricas das pesquisas com os cotidianos – Certeau em sua atualidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 455-467, set./dez. 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANADA, Daniel. A capoeira apropriada pelos Europeus, novos usos e significados da prática "Afro-brasileira". CONLAB – CONGRESSO LUSO AFRO-BRASILEIRO, 12. *Anais...* Lisboa, 2015.

GUIZARDI, Menara Lube. Entrando na roda: capoeira e encruzilhadas metodológicas de uma etnografia em movimento. *Simbiótica*, Vitória, v. único, n. 3, p. 16-50, jun. 2013.

KOHAN, Walter O. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LOUREIRO, Fábio L.; MARTINS, Rodrigo L. D. R.; MELLO, André da S. A internacionalização da capoeira: o consumo produtivo por praticantes argentinos. *Confluências Culturais*, Joinville, v. 10, n. 1, p. 108-120, jan./mar. 2021.

LOUREIRO, Fábio L.; MARCHIORI, Alexandre F.; MARTINS, Rodrigo L. R.; MELLO, André da S. Usos e apropriações da capoeira por praticantes poloneses. *Revista Movimento*, Florianópolis, v. 28, e28011, jan./dez. 2022.

LUTGARDES FREIRE, Costa. Família. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 215-216.

NASCIMENTO, Ricardo C. C. *Capoeira for export: percursos e dilemas da capoeira no contexto global*. São Paulo: Jundiá, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). *International ethical guidelines for biomedical research involving humans subjects*. Geneva: WHO, 1993.

OSOWSKI, Cecília I. Cultura. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 119-120.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin M.; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 319-342.

SENNETT, Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SENNETT, Richard. *Juntos*. Tradução de Clóvis Marques. 5. ed. Rio de Janeiro: Record,

2020a.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020b.

VECCHIA, Agostinho Mario D. Afetividade. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 28-29.

Recebido em: 21 maio 2024

Aprovado em: 20 ago. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

